

Património da ciência

O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

A ciência é indissociável do património, uma vez que fornece os conhecimentos e os meios, cada vez mais sofisticados, para assegurar a conservação patrimonial. Mas, por outro lado, a ciência é ela própria fonte de património material, na medida em que é resultado de um processo histórico progressivo, que deixou evidentes marcas físicas (edifícios, objectos, documentos) que importa preservar.



1 - Edifício do Laboratório Chimico, actual sede do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. O edifício original do engenheiro inglês William Elsdon, que aproveitou o espaço de um antigo refeitório jesuíta, foi restaurado pelo arquitecto João Mendes Ribeiro e colaboradores.

Em Portugal, as questões da história da ciência, ligadas de perto à preservação do património material da ciência, têm vindo a ganhar cada vez mais interessados e estudiosos. É a este propósito significativo que algumas grandes iniciativas de recuperação de património científico tenham tido lugar recentemente e que outras estejam em preparação para vir a ocorrer no futuro próximo. Um bom exemplo é a primeira fase do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (UC), inaugurado em 2006, ao fim de um longo proces-

so de requalificação arquitectónica, que visou transformar um espaço de ciência do século XVIII num moderno espaço expositivo (a exposição permanente *"Segredos da Luz e da Matéria"* integra objectos históricos das colecções da UC e modernos módulos interactivos, onstruídos com vista a apropriação pelo público de certas ideias científicas; ver www.museudaciencia.pt). A chamada "prefiguração" do Museu da Ciência no *Laboratório Chimico* (fig. 1), num edifício construído na época da Reforma Pombalina da UC

(1772), que foi um dos primeiros em todo o mundo construído propositadamente para o ensino experimental da Química e que a equipa do arquitecto João Mendes Ribeiro restaurou de modo exemplar preservando o "espírito do lugar", permitiu não só abrir ao público um novo e dinâmico pólo de cultura científica, como também preparar conteúdos e conhecimentos para a segunda fase do desenvolvimento do Museu da Ciência da UC, que consistirá numa intervenção de maior envergadura no edifício do Colégio de Jesus, mesmo ao lado do *Chimico*.

Esta segunda fase do Museu da Ciência, cujo projecto tem actualmente um concurso a decorrer, exigirá um processo de requalificação arquitectónica de maior dimensão, num edifício que foi um dos mais antigos colégios da Companhia de Jesus em todo o mundo, já que foi fundado em 1547, ao tempo do rei D. João III (fig. 2). Esse espaço será recuperado para usufruto do público, um processo que incluirá a musealização de um vasto e rico conjunto patrimonial em várias áreas da ciência (astronomia, física, química, geologia, biologia, antropologia, medicina, farmácia, etc.). Tal esforço de recuperação patrimonial relaciona-se de perto com a preparação da candidatura da UC a Património Mundial da UNESCO. O Museu da Ciência, que é gerido por uma fundação que reúne a UC com



2 - Gravura do início do século XVIII, que mostra o edifício do Colégio de Jesus com a Sé Nova. Trata-se de um dos mais antigos colégios jesuítas do mundo e vai ser a sede do Museu de Ciência de Coimbra na segunda fase. Em segundo plano à direita é o espaço onde foi construído o Laboratório Chimico.



3 - Fotografia antiga do edifício do Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, em frente à Biblioteca Joanina, que foi demolido no tempo de Salazar.

a Câmara Municipal de Coimbra, foi distinguido pelo Fórum Europeu dos Museus com o prémio para o melhor museu de ciência e tecnologia no ano de 2008 (Prémio Micheletti), em reconhecimento da excelência do trabalho realizado.

Os dois antigos colégios jesuítas da UC (Colégio de Jesus e Colégio das Artes), juntamente com o Colégio de S. Antão em Lisboa, foram, nos séculos XVI e XVII, sítios de passagem de cientistas de diversos países europeus, que pretendiam estudar ou ensinar antes de se dirigirem para o Oriente ou para outras regiões distantes (por exemplo, o austríaco Grienberger e os italianos Lembo e Borri, que muito contribuíram para a divulgação das descobertas feitas por Galileu em 1609 quando observou pela primeira vez o céu com um telescópio). Apesar de os jesuítas terem durante muito tempo sido difusores da cultura científica, o seu ensino veio a degradar-se, acabando por ser interrompido em 1759, quando a Companhia de Jesus foi expulsa do país pelo Marquês de Pombal. O amplo edifício do Colégio de Jesus, no qual está

inserida a Sé Nova (igreja matriz de Coimbra, propriedade da diocese), foi profundamente adaptado pelo Marquês para se tornar num edifício universitário moderno para a época, com a instalação do Gabinete de Física Experimental e do Gabinete de História Natural, no quadro da Faculdade de Filosofia então criada, e ainda do Hospital e do Dispensário Farmacêutico, no quadro da Faculdade de Medicina. Essa reforma, que pretendeu romper com o ensino neo-escolástico e estabelecer o ensino experimental, criou também, além dos referidos gabinetes e do *Laboratório Chimico*, o Jardim Botânico e o Observatório Astronómico. Os valiosos instrumentos e objectos de astronomia, física, química, história natural e medicina do século XVIII documentam bem o modo como foi perseguido o ideal iluminista da busca do conhecimento científico. Por seu lado, o Jardim Botânico ainda hoje se conserva, sendo um dos tesouros da universidade e da cidade. Infelizmente, do velho Observatório Astronómico, que começou por ser construído nas ruínas do castelo de

Coimbra e que, no final do século XVIII, passou a ocupar um novo edifício no pátio da Universidade, já não resta nenhuma pedra (fig. 3). O Estado Novo, a meio do século XX, arrasou-o, num acto alegadamente praticado para “limpar as vistas para o Mondego” mas que muitos vêem como um exemplo de destruição do património.

Neste século, recuperar e preservar o património da ciência deve ser visto, acima de tudo, como um acto de cultura. As marcas materiais da ciência, como os sítios onde se fez e ensinou ciência, são testemunhos essenciais de cultura. E, por sua vez, os métodos e resultados da ciência, alcançados e transmitidos nesses sítios, constituem um extraordinário património imaterial que é um componente imprescindível da nossa cultura. ■

CARLOS FIOLHAIS,
Departamento de Física da Universidade
de Coimbra e Biblioteca Geral da
Universidade de Coimbra
tcarlos@teor.fis.uc.pt